

"O encontro entre Freud e Tausk é uma história que precisava ser contada".

Paul Roazen - jornalista e professor de Ciências Políticas e Sociais em Nova Iorque e Toronto - já era bastante familiarizado com a Psicanálise, tendo escrito seu *Freud: Political and Social Thought* (1968), quando, ao empreender uma nova pesquisa, em busca da história oral da Psicanálise, junto a pessoas que haviam conhecido pessoalmente Freud, se deparou com o "Caso Tausk".

"Ninguém lhe dirá nada sobre Tausk!", preveniram Roazen. O interdito clama por esclarecimento e Roazen passa a procurar, nas entrevistas subsequentes, mais dados a respeito deste homem considerado por Lou Andreas-Salomé, como o "mais destacadamente brilhante do círculo de Freud".

Esta reedição de *Irmão Animal* (que teve sua edição original em 1969) traz uma nova e importante introdução, em que Roazen apresenta as repercussões de seu livro na comunidade psicanalítica. "Encontrei profundo ressentimento entre freudianos ortodoxos por haver traído a "causa" com a publicação de *Irmão Animal* (...). Para um notável número de pessoas, a única maneira de se escrever sobre Freud é a produção de propaganda que não somente idealize o primeiro psicanalista mas simultaneamente sirva para promover a atividade analítica contemporânea. Deste ponto de vista, o Freud histórico deve ser apresentado de modo a escorar a autoimagem dos analistas de hoje" (p. 14-15). Roazen nos conta como Kurt R. Eissler, fundador dos Arquivos de S. Freud em Nova Iorque, atacou ferozmente seu livro, tendo servido de testa de ferro para Anna Freud. Nesta introdução, Roazen denuncia tanto a interdição a certos documentos relativos à Freud, como a censura feita na correspondência

Uma história que precisa ser contada

Resenha de Irmão animal, a história de Freud e Tausk, de Paul Roazen, tradução de Samuel Titan Jr., Rio de Janeiro, Editora Imago, 1995, 191 p.

particular do psicanalista trazida a público.

Que história foi essa que, mantida em segredo por tantos anos, guardada a sete chaves nos porões da Psicanálise, ao ser revelada levanta tanto rancor? Quem foi esse homem, cuja vida, trazida à luz, por Roazen, fez explodir tamanha indignação?

"Irmão Animal", codinome, "O Caso Tausk", são dois títulos que caíam perfeitamente bem para um livro de ficção. E não é outra a nossa impressão ao adentrarmos o livro de Roazen que relata, de forma insinuante, uma relação dramática, com todos os ingredientes de uma boa novela policial, na qual se acham envolvidos dois protagonistas. Um mistério envolve duas personagens: Tausk, apresentado por Roazen, como um jovem atraente, sensível e inteligente, homem de muitas habilidades mas frágil, com um futuro promissor, se vê envolvido nas teias de Freud, aqui, um homem de meia idade, genial e ambicioso, dono de um poder imperial dentro de seu círculo. Um duelo de gigantes onde somente o sobrevivente. Disputa de poder e triângulos amorosos envolvem estes dois homens; entra em cena a sedutora Lou Andreas-Salomé, mulher de tantos amores importantes e a frágil e ingênua Helene Deutsch, usada por Freud e por Tausk para afiançar seu duelo. E, finalmente, uma morte.

O livro de Roazen traz esse "quê" de suspense e mistério e nos pega pela curiosidade de desvendar uma boa trama e de conhecer o grande Freud em sua intimidade, em sua fragilidade. Um dos méritos do trabalho de Roazen, sua tentativa de desmistificar a figura de Freud, torna-se, também, um defeito. Freud é apresentado como um homem mesquinho, interesseiro, preocupado exclusivamente com "sua causa". Roazen, ao invés de desmistificar Freud, desqualifica-o. Faz das figuras históricas, de quem fala em seu livro, personagens caricatas.

Mas, *Irmão Animal* dá-nos a oportunidade de saber mais sobre os primeiros anos da Psicanálise e também sobre Victor Tausk, que permanece, ainda hoje, um desconhecido para a maioria dos psicanalistas, mesmo tendo sido reconhecido por seus pares como um homem extremamente capacitado e tendo realizado contribuições importantes quanto ao tratamento de psicóticos. Sua memória, parece ter sido mesmo apagada, censurada ativamente e, sua relação conflituosa com Freud foi, na opinião de Roazen, o motivo para isto.

No outono de 1908, com quase 30 anos, Victor Tausk chega a Viena com o objetivo de resolver definitivamente sua vida. Deixando para trás seu casamento, a advocacia, a literatura e o jornalismo, de-

pois de ter passado por uma crise depressiva, procura Freud como solução. Entra para o curso de medicina, um antigo desejo e especializa-se em psiquiatria.

Freud recebe-o bem à princípio; contar com homens qualificados era tudo o que queria para seu exército. Em 1909, a Sociedade Psicanalítica de Viena contava apenas com 28 membros e nem todos eles tinham o apreço do psicanalista. "O estímulo de Freud era tudo para Tausk naquele tempo", escreve Roazen, "além de lhe encaminhar pacientes, Freud também lhe emprestava dinheiro". E Tausk era um seguidor aplicado e útil na medida em que poderia trazer respeito da área médica para a Psicanálise.

Mas algo de "sinistro" irrompe nessa relação. Tausk tecia com Freud uma relação de extrema dependência, fazendo das questões de Freud suas próprias interrogações. Freud sentia que Tausk poderia roubar suas idéias antes mesmo que ele pudesse desenvolvê-las. Como um fantasma, Tausk assombrava os pensamentos de Freud.

Em 1912, chega à Viena Lou Andreas-Salomé, então com 51 anos de idade. Esta mulher insinuante logo contou com a atenção de Freud estabelecendo, simultaneamente, um romance com Tausk. Entre os anos de 1912-13, um triângulo amoroso estava consumado. Para Tausk estar ao lado de Lou, seria ascender ao lugar que antes fora ocupado por Nietzsche e Rilke, provocando, concomitantemente, ciúmes e admiração em Freud. Para Freud, este arranjo lhe permitia controle sobre Tausk, um discípulo potencialmente problemático, mas ao mesmo tempo, lhe trazia a frustração de imaginar que enfim Tausk triunfava, ao ocupar um lugar que lhe era devido. A disputa saía do domínio das idéias e se materializava no duelo pelo amor de uma mulher.

Lou Andreas-Salomé resume bem o conflito entre os dois homens: "Só agora percebo o tamanho da tragédia da relação de Tausk com Freud: quer dizer, agora eu vejo que ele sempre se envolverá com os mesmos problemas, as mesmas tentativas de solução em que Freud estiver absorvido. Isso não é nenhum acidente, indica seu 'tornar-se filho' tão violentamente quanto exprime seu 'ódio ao pai'" (p. 70).

As disputas na Sociedade Psicanalítica, nesta época, se fazem mais ardentes; em 1911, Adler é afastado do grupo e, em 1913, a disputa entre Freud e Jung, seu discípulo mais caro, até então, tem seu conhecido desfecho. Em ambos os confrontos, Tausk manteve-se firme e leal a Freud.

Em junho de 1914, Tausk termina seus estudos médicos e pode começar sua nova vida. Mas com a Primeira Guerra Mundial tudo desmorona novamente. A prática da Psicanálise torna-se quase impossível, são raros os pacientes. Em agosto do ano seguinte Tausk é recrutado pelo exército, como psiquiatra e é mandado para Lublin.

Em setembro de 1918, pouco antes de sua volta para Viena, realizou-se, em Budapeste, um congresso internacional de Psicanálise, onde foi lançada, pela primeira vez, a idéia da análise didática, proposta pelo Dr. Herman Nunberg. A moção foi rejeitada e Tausk foi um dos que a rechaçaram mais energicamente.

Os motivos para esta atitude de Tausk parece ter sido seu temor de que Freud rejeitasse seu pedido de análise feito um mês antes. E, de fato, Freud não o aceitou; temia que isto só faria mais tenso o relacionamento entre os dois, o que agravaria, ainda mais, os problemas na Sociedade Psicanalítica. Freud teria mesmo dito a Ludwig Jekels, que apoiara o pedido de Tausk, que não o aceitaria em análise, afirmando: "Ele vai me matar!".

Freud indicou Helene Deutsch para analista de Tausk, ela própria paciente de Freud; um compromisso, sem dúvida, bastante bizarro. Em janeiro de 1919, Tausk inicia sua análise. Muito embora a Dra. Deutsch fosse uma psiquiatra experiente, teve em Tausk seu primeiro caso psicanalítico. A situação havia se tornado complexa; mais uma vez Freud e Tausk se envolviam em uma relação triangular, mas desta vez Freud se sentia dono da situação. Tausk sentia-se desprezado por Freud que não somente negou-o para análise, mas, ao indicá-lo para Deutsch, o diminuía frente a uma novata. A análise de Tausk girava em torno de seu conflito com Freud e, a análise de Deutsch com Freud, fazia as vezes de ponte entre a disputa dos dois homens.

A análise de Helene foi tomada pelo assunto Tausk e logo Freud forçou-a a uma escolha entre os dois. Ela, então, interrompe abruptamente a análise de Tausk, após três meses de tratamento.

"Freud havia atraído Tausk", diz Roazen, "para uma nova relação triangular, mas desta vez, através de Helene Deutsch, Freud podia se vingar pelo caso de Tausk com Lou. Freud agora triunfava sobre Tausk. Mas antes de livrar-se dele, Freud quisera saber o que Tausk tinha para dizer. Freud não poderia resistir à satisfação de ouvir o que Tausk tinha para falar, mas só se sentia seguro fazendo-o à distância" (p.105).

Que destino estava reservado para Tausk? Desprestigiado e rejeitado por Freud, não tinha mais lugar na Psicanálise. Pela terceira vez iniciava uma carreira e pela terceira vez se via sem perspectivas futuras. No dia 2 de julho de 1919, no momento mesmo em que acontecia uma das famosas Reuniões de Quarta-Feira da Sociedade Psicanalítica de Viena, Tausk prepara seu in-

ventário e escreve duas cartas de despedida, uma para Hilde Loewy, sua noiva, e outra para Freud. Na madrugada do dia 3 de julho, Tausk aperta o gatilho de sua pistola em sua têmpora direita e enforca-se na corda da cortina que havia colocado em volta do pescoço.

Nas cartas, Tausk não reclama de Freud, não indica que a relação conflituosa que os envolvia, o teria levado a tomar tal atitude. Diz apenas que seu talento não era apoio para ele e que não desejava mais enganar ninguém. Pedia que o esquecessem e que queimassem todos os seus papéis.

Por cinquenta anos Tausk foi mesmo esquecido... mas, a Roazen coube o papel de fazê-lo, mais uma vez, vivo. Esta história tinha mesmo que ser contada. E me sinto aqui, mais vez, tendo tendo a necessidade de contá-la, agora em resenha, mesmo que, ao fazer assim, tema ocupar o lugar do chato que conta quem foi o assassino.

Mas, não se trata de trazer a culpa do suicídio de Tausk para as mãos de Freud. Certamente Tausk tinha também seus problemas frente aos quais não sabia mais como reagir. Não se trata de fazer de Freud um vilão. Trata-se talvez de saber-se porque esta história foi por tanto tempo guardada nos porões da Psicanálise e qual a importância dela para a Psicanálise de hoje.

Para além de um conhecimento sobre a história da Psicanálise e de um prazer voyeur ao ouvir um relato tão picante como esse, devemos nos perguntar também a respeito da construção da instituição psicanalítica, de uma instituição construída sobre a pessoa do professor Freud. A Psicanálise foi forjada como uma disciplina personificada e essa marca permanece em nós ainda hoje.

Trabalhamos com mistérios e ao mesmo tempo os guardamos tão bem. Trabalhar iconoclasticamente com Freud é fazer como Lou Andreas-Salomé bem observou com relação a ele: "confrontados com um ser humano que nos impressiona como grande, não deveríamos antes nos comover do que nos estarrecer com a consciência de que só através de suas fragilidades ele poderia ter chegado à grandeza?" (p.145).

Freud descartou a possibilidade de que sua ligação com Tausk tivesse qualquer relação com o suicídio. No longo obituário de Tausk, assinado originalmente pelo "comitê editorial", mas depois dado como obra de Freud, é atribuída à Guerra o ato de Tausk. Neste documento Freud afirma: as "qualidades pessoais (de Tausk) exerciam grande atração sobre muitas pessoas, enquanto algumas, também, podem ter sido repelidas por elas". Em uma carta dirigida a Lou, falando a respeito do suicídio de Tausk, Freud pôde ser ainda mais franco: "Confesso que não sinto verdadeiramente sua falta; há muito que eu o considerava inútil, na verdade uma ameaça para o futuro".

A ortodoxia psicanalítica, como a chama Roazen, levou a sério as palavras de Freud e manteve Tausk no esquecimento.

Cabe a nós, não compartilharmos mais deste silêncio e trazer à luz, como disse Lou: "exatamente essa luta que mais comovia em Tausk - a luta da criatura humana. Irmão-animal. Você."

Noemi Moritz Kon (Noni) é Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae e mestranda em Psicologia Social na USP.